

# REVISTA ILUSTRADA

### CORTE

ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

### PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
À RUA DE GONÇALVES DIAS, Nº 50, SOBRADO

### PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



Zique-xique-xique, bum bum bum! Zique-xique-xique, bum, bum bum bum!  
 Este, é o Zé-Pereira da "Revista", que, apesar de bater todo o anno  
 n'estes bombos e tambores, ainda não conseguiu rebe as-thes as pelles.



## A ACTUALIDADE

Promettem ser muito animadas, as festas do proximo carnaval.

O Deus Momo parece ter reforçado com uma boa dóze de fanatismo, o seu innumerable exercito de crentes.

Tudo se prepara, tudo se anima, tudo toma um aspecto phantastico de alegria e de contentamento!

A vida monotonna de todos os dias, resigna-se abrir um parenthesis, destinado á galhofa e ás alegrias de domingo, segunda e terça.

Ha um contagio irresistivel de animação, ao qual ninguem póde ser indifferente.

O carnaval avassalla todas as classes, todas as cathogorias e todos os espiritos.

Uns, preparam-se para tomar parte nos longos e luxuosos prestitos; outros, ornamentam as suas sédes para as pomposas diversões dos tres dias; as artes são postas em contribuição, para darem forma ás idéas que têm de ser exhibidas, e, mesmo os que não sahem, preparam um truc, um dito, uma facecia propria da época.

Não ha fugir!

E, digam-nos, como póde um simples mortal isolar-se de tudo isso, e não compartilhar da alegria geral?

Pois, se até o Sr. Cotegipe, esse homem sobre cujos hombros pesam as responsabilidades do Estado, se deixa invadir pela preocupação do momento, e nos prega a peça de anunciar um projecto abolicionista.

Nós já o dissemos: isto, só no carnaval se poderia tolerar.

Mas, como é uma época de excepção, não queremos mal ao governo...

Na verdade, porque ha de ter elle menos direito do que os Fenianos, os Democraticos, os Tenentes, os Socialistas, e ser privado de sahir á rua, com os seus carros de idéas?

Não seremos, nós quem applauda um despotismo d'esses e até, se o ministerio sahir á rua, com os seus carros de idéas, terá uma corôa nossa.

Como será agradavel para a população perder esse ar sinistro, de quem anda pensando em *deficits*, e vêr todo esse povo politico mascarado de principes, de grandes magicos, de reis, de diabo e até de diabinhos.

Venha de lá isso, para quebrar a monotonia de uma politica, em que o dia de hoje é exactamente igual ao de hontem e do de amanhã ao de hoje!

*Evohé! Per Baccho!* Libertemos os politicos das más preocupações e deixemol-os brilhar com todas as fulgurações do carnaval.

Haja projectos, reformas, e can-cans a mais não poder!

Que os poderes se phantasiem e se divirtam. Façam loucuras, o que lhes custa? Vamos! é gosar que a quarta-feira de cinza ahi está, e, depois d'ella muita cousa

complicada, e que parece, tambem, estar dizendo:

— Sae cinza!

Só o que pedimos é que tenham espirito, e, n'este caminho, já os principios não são máus. O ministerio, que todos conhecem, fazendo-se, de repente, abolicionista, durante o carnaval, já é uma boa pilheria..

Avante!

Quem começa tão bem, deve continuar optimamente!

Não lhe regateiaremos applausos.

*Julio Verim*



### As explosões

Não sabemos se ainda ha, na Bahia, alguma caldeira para rebentar ou se já foram todas pelos ares! O certo é, que, depois da medonha catastrophe do *Dous de Julho*, é raro o dia, em que os telegrammas não annunciam que alguma caldeira fez explosão!

Esta frequencia de desastres; alguns com perdas de vida, basta para demonstrar o desleixo das nossas cousas e o desprezo que as Companhias, avidas de dividendo, tem pela vida e pela segurança dos seus passageiros!

Vapores perfeitamente invalidos, cobertos de cãs e cheios de rheumatismo, gemem ha 20 ou 30 annos, nas viagens costeiras, sem que os engenheiros fiscaes ou as capitancias do porto se deem ao trabalho de olharem, por transparencia para as suas caldeiras, a ver se as paredes já estão reduzidas á espessura de hostias.

O resultado é ir tudo pelos ares, quando menos se espera, e termos de escrever uma serie de necrologios, lamentando a perda de tantas vidas.

E não ha ninguem que olhe para essas companhias assassinas! E' um horror...

### Arithmetica para um!

Lê-se na *Gazetilha do Jornal do Commercio*, sob o titulo *Provincia de Goyaz*, o seguinte:

« Foram eleitos membros da Assembléa provincial, os Srs. Confucio, Canedo, Manoel Alves, Beraldo, Brandão, Esselin, Joaquim Jeronymo, Joaquim Silva, F. Leopoldo, André Fleury, Paranhos e Perillo.

D'esses, são 12 conservadores, 3 liberaes e um neutro.»

Como? Pois se elles ao todo são 12, como é que além d'esse mesmo numero de conservadores ainda ha 3 liberaes e um... neutro.

Tambem não nos consta que haja districto algum que dê 16 deputados provinciaes...

Emfim, o jornal deve tornar a fazer a conta, e publicar uma errata.

A não ser que queira, tambem, ter uma arithmetica da casa, como já tem uma orthographia.

### Data Gloriosa

O dia 5 de Fevereiro é, d'ora em diante, uma das datas mais gloriosas de S. Paulo, por marcar a libertação total do municipio e da importante cidade do Rio Claro.

Graças aos esforços de alguns pátriotas e á decisão do povo paulista, aos 4 ou 5 municipios já livres, vem-se juntar o do Rio Claro, localidade agricola de grande importancia, que, desde o dia 5 está em pleno e fecundo regimen do trabalho livre.

Festas esplendidas se realisaram na cidade, commemorando tão fausto dia, assistindo a ellas mais de 3.000 pessoas, vindas dos arredores.

A Camara Municipal effectuou uma sessão de gala, onde foram pronunciados esplendidos discursos.

A cidade estava toda enfeitada, as musicas percorriam as ruas, e por toda a parte reinava a maior alegria e contentamento. Emfim, uma d'essas festas civilisatórias, que fallam aos corações e que fazem exultar as almas patrioticas. Parabens a S. Paulo!

### Manoel Cotta

Recebemos, com intima satisfação, a visita do nosso amigo e collega o Sr. Manoel Cotta, que, por motivo de saúde, em pessoa da sua familia vê-se obrigado a mudar a sua residencia da côrte para a capital de S. Paulo.

Deixa, por esse motivo, o nosso amigo, a gerencia do *Paiz*, aonde tanto se distinguio.

Desejando-lhe uma feliz viagem, fazemos votos por que, na adiantada provincia de S. Paulo, lhe sorriam todas as prosperidades, de que é digno.

### Bispo de Matto-Grosso

Mais um nome, a juntar ao dos prelados, que, inspirando-se na verdadeira doutrina do Evangelho, se levantam contra a escravidão e incitam os seus diocesanos a effectuar a obra da redempção da patria!

A pastoral, publicada por este venerando apostolo do christianismo, é uma das mais impressionadoras e commoventes.

S. Ex. não se limita a pedir a libertação dos escravos; faz mais: destina a essa santa obra a 5ª parte dos rendimentos da mitra e da caixa pia, testemunhando pesar por não poder destinar ao mesmo fim, a terça parte de sua congrua, já destinada, ha 8 annos, a outra obra de caridade.

Saudamos o virtuoso prelado.

E' por actos d'esses, que o homem se aproxima da divindade, impondo-se ao respeito e á veneração de todos.

### Quadro impressionista

O Sr. Rouêde passou para a tela a animada perspectiva da ilha de Paquetá, durante a festa de domingo ultimo.

O quadro representa um effeito de noite, á beira mar, junto á residencia do Sr. Lage.

Ao lado fica a nova ponte, illuminada a luz electrica.

E, por toda a parte o brilho das illuminações, dos balões venezianos, da explosão dos fogos, dão á tela um brilho phantastico.

O quadro vae ser offerecido ao Sr. Lage e é uma bonita lembrança.

## Guerra Junqueiro

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o brilhante artigo de Guerra Junqueiro, que, adiante publicamos.

E' um trecho notabilissimo.

Brrrr ?...

Se os correspondentes da Agencia Havas, não, estão influenciados pelo carnavalesco, então, o principe de Bismark está delirando!

Eis um topicão, tremebundo, que a dita agencia põe na bocca do chanceller de feiro:

« A Allemanha está nos casos de mandar para cada fronteira um milhão de bons soldados.

Quando a Allemanha quizer atacar, ninguém lhe poderá resistir.

A Allemanha só teme a Deus! »

Caramba! Com mil raios!

Se o principe de Bismark se exprimiu assim, então, as coisas não vão, lá para que digamos, na patria de Henri Heine.

Bismark, com intemperanças de linguagem! Máu! O caso complica-se.

E, esse arreganho faz lembrar, exactamente, o do hespanhol, que dizia:

— Caramba! Se saco la espada fico só en el mundo!...

Alfredo Meyer

Acha-se em viagem, pelo interior da provincia de S. Paulo, este distincto cavalleiro, a cuja amisade a nossa folha deve não poucos favores.

O Sr. Meyer tem procurado tornar conhecido o nosso jornal e á sua amabilidade devemos, já, o termos angariado um bom numero de assignantes.

Recommendamol-o aos nossos amigos e agentes, esperando que o secundem, no empenho em que se acha, de augmentar a circulação de nossa folha.

A esse bom e dedicado amigo, d'aqui agradecemos os obsequios de que já lhe somos devedores.

D'AQUI E D'ACOLA'

Um rapaz, de reputação um pouco duvidosa, é accusado de ter carregado uma caixa de charutos, da loja de um seu amigo.

— O' Fulano, diz-lhe um conhecido, como é isso? Então você carregou uma caixa de charutos da loja do X...

— Eu? Quem disse isso?

— Foi elle mesmo.

— Ah! Manifestou-se assim a meu respeito?

— E anda-o procurando...

— Sim?

— Está furioso!

— Pois eu o ensino! Póde dizer-lhe que que não volto lá mais.

\* \*

— Pobre moça, casada com um velho...

— E' verdade. Esses sujeitos não sabem que sella nova em burro velho, é matadura certa?

— Qual! Até, outro dia um perguntou-me o seguinte: quando o Sr. está á mesa, quem é que tem o appetite, é o Sr. ou é o jantar?

Na ultima sessão do Instituto Historico notou-se que o Sr. Cotegipe prestava grande attenção ao discurso do Sr. Tunay.

Um cortesão aproxima-se e diz-lhe:

— Então está gostando, hein?

— Não! Estava vendo se não era o Clapp quem tinha a palavra...

\* \*

Um sujeito, ao lêr os commentarios dos jornaes, sobre a questão Revy e os açudes do Ceará, exclama:

— Esta burra de Quixadá tem queixada de burro!

Dominó.

## A Batalha da vida

Quando as sombras da noite se desenrolam lentamente, como um panno de theatro, sobre uma grande cidade, dir-se-hia que houve uma barbara pilhagem, uma truculenta carnificina entre centenas de milhares de homens, disputando riquezas, gosos, vaidades, predomínios, e que terminado o saque tumultuoso cada qual se barricadou n'um palacio, n'um templo, n'uma espelunca—n'uma caverna enfim, com uma porta trancada—para guardar, devorar e digerir tranquillamente a sua presa, a sua fatia de milhão, a sua posta sangrenta de lombo opiparo de Bezerra d'Oiro.

Restam os que ficaram mortos na batalha, que vão esterçar os cemiterios, e os que ficaram vivos e de ventre vazio—almas sombrias empacotadas em carne miseravel—que vão deitar-se nas furnas, nas pedreiras ou nos bancos desertos dos squares, sob o olhar vigilante da policia e o luzio misericordioso do Sr. Deus dos Exercitos.

Outr'ora, nas monarchias de direito divino estavam os homens catalogados por castas, como as palavras n'um dictionario, por letras. Nascia-se general ou carrasco, bispo ou sacristão, duque ou sapateiro, marquez ou Marques, exactamente como se nasce roseira ou ortiga, magnolia ou cicuta, herva do monte para ser calcada aos pés ou roble victorioso para levantar-se pelos ares.

Era a ordem providencial e immutavel, decretada por Deus e sancionada pelo rei. E ai do temerario que ousasse contradizel-a. O rei dispunha da força e Jehovah do inferno. Scilla e Carybides. E o patibulo n'esse tempo não era uma figura de rhetorica e Voltaire não tinha ainda vertido aguas nas labaredas eternas.

As nações viviam, além d'isso, pela lingua, pelos costumes, pelas distancias, como que embutidas e enkistadas no solo que pisavam.

De repente mudou o scenario. A revolução franceza, o telegrapho e o vapor desagrilhoaram os povos e unificaram o globo. Os homens que estavam, como feras d'uma menagerie, separados em jaulas—umas de oiro e de velludo, outras de ferro e de excrementos—despedaçaram as grades que os prendiam e saltaram, livres e iguaes, para o mesmo circo, rugindo coleras, dardejando appetites.

De sorte que a terra tomou de subito o aspecto d'uma arena infinita em que o genero humano se lacera e devora implacavelmente, n'um antropophagismo economico, n'uma hecatombe utilitaria e commercial. Quem é hoje o meu adversario na lucta da existencia? Quem me disputa a carne do meu jantar ou o oiro do meu cofre? E' o meu vizinho? Não; muitas vezes e o meu antipoda. O pão dos Estados-Unidos come-se nas mesas da Europa e os rebanhos dos Pampas dão bifes e costeletas aos restaurantes de Londres e Paris.

As almas teem ainda patria. Os ventres não; a sua patria é o mundo, este enorme queijo, com bichos—que somos nós todos!

E antigamente no tragico e inexplicavel conflicto humano havia, ao menos, para commover os vencedores e consolar os vencidos, a idéa de Deus, a esperanza d'além tumulo. A fumarada das machinas vomitando de dia e de noite, para o céu estrellado, nuvens espessas de carvão, fez (momentaneamente, creio) o eclipse de Deus. A fé espiritualista apaga-se nas consciencias deixando n'ellas, como n'um lár deserto, um montão de cinzas.

Estou que em breve uma rajada de claridade (sente-se o prenuncio) virá reacender e illuminar todos os pharoes extinctos... Mas o seculo agonisa e parece que quer morrer impiamente, n'um delirium tremens de héroismo, remexendo com o focinho de porco uma estrumeira de libras.

De modo que a conflagração canibalesca da humanidade, apunhalando-se ferozmente, mutuamente, sob o céu deserto, no açougue da vida, apresenta em nossos dias a feição selvatica e carniceira d'um duello americano a revolver e faca de matto, dentro d'uma adega—ás escuras.

Carnificina monstruosa! Quem vence? Os Rotschids, os Vanderblit, os Mackay, hippopotamos d'oiro, hydropesias ambulantes de milhões. E as victimas? As victimas são o rebanho infinito de miserveis, de nús, de mendigos, de esfarrapados, que o Destino sinistro, como um policia bêbedo, leva deante de si aos murros, ás coronhadas e a pontapés, atirando-os cambaleantes e de roldão para a lama pútrida das viellas, para o inferno dos carceres, ou para o leito—leito mortuario?—dos rios soluçantes e tenebrosos!

Mas no fim de tudo como terminará a batalha? Com um mar de sangue ou com um oceano de pranto? Lucullo tem por elle as baionetas, mas os famintos, e são innumeraveis, tem por si a fome—e os dentes.

Dado um 93 economico, pode Lucullo deitar-se em cima do seu oiro dentro d'uma burra de bronze fechada a sete chaves e cercada de Krups de morrão accêso, que é tempo perdido. A nihilite, que seria o explosivo d'essa epocha, falto-hia saltar, como uma simples castanha n'um magusto.

Só um diluvio universal de lagrimas de piedade conseguiria apagar as labaredas d'essa créatra, que já fumeja e já revolve no ventre esbrazeado, uma cachoeira surda de trovões.



Grças a não termos a actual mania dos suicidios, continuamos no gozo... do mais perfeito sudor!

Ah, Phebo damnado! Se não estivesse tão longe, sentirias o peso da nossa mais ardente indignação!



O que nos consola e diminui a nossa colera, é ver os teus malditos raios igualmente repartidos por toda esta humanidade suadão. Não ha remedio senão a gente abanar-se; abanemo-nos, pois.



Se o homem é o animal mais perfeito da natureza, certamente não é o mais feliz! E, philosophando sobre a nossa triste e secca sorte, invejamos a vida daquelles, que molham a sua existencia em refrigerantes mergulhos.



Dado este pequeno cavaco, sobre o que mais afflige a nossa pelle e o nosso espirito, vejamos o que contem esta pasta.

D. Pedro II quer voltar para o Brasil



Correo o boato... facam de conta que aquillo é o tal boato)

que S. M. D. Pedro II esteve preparando as malas, para voltar para o Brazil;



Que essa vontade repentina foi devida a ter elle visto um numero da nossa folha, que trazia o Colegipe de corõa e papos de tucanos. -Estou roubado! disse D. Pedro.



Dahi, firme resolução de vir reclamar o que é seu.

Imaginem agora o encontro dos dois imperadores, o verdadeiro e o falso... Tableau!



Que imperial sarilho!



Agora, consta que, n'uma entrevista com o celebre Gladston, S. M. já esquecendo sua vinda ao Brazil, declarou-lhe que o iria visitar a Londres, em Maio.

Estas noticias, porem, estão-nos parecendo verda deiros canards.



O ministro brasileiro junto do Vaticano, depositou aos pés de Sua Santidade, em nome de S.A. a Regente e Senhores catholicos uma chapa jubilaria.



S. Santidade respondeu: Desde a independencia do Brazil, nunca houve divergencia entre o Imperio e a Santa Sé. (O bispo do Pará que lhe agradeça) E o Santo Padre deitou benção á familia Imperial e á nação brasileira.



Desta papal benção por atacado... obrigado pela parte que nos toca.



Mas... Se S. Santidade nos desse, em lugar de benção, parte das riquezas que recebeu... Oh!... que bom catholico não seríamos...

Porem, como representante do Venha a nós é mais facil metter-nos o cacete do que repartir com os pobres, como fazia o Divino Mestre.

E porque não? Quem sobe se um cyclone de fé e de misericórdia não virá, como no fim da grande saturnal romana, varrer o mundo de lado a lado? Quem sabe se o christianismo, no que elle tem de eterno e de sublime, não passará um dia dos evangelhos para os codigos, da devoção para a obrigação, da moral para o direito?

Só assim essas gigantescas cidades modernas, Londres, Pariz, New-York, etc., mixtos de Sodoma e de Carthago, de prostitutas e de banqueiros, de palacios e de procilgas, em que ha homens que posuem um bairro inteiro e centenas de milhares d'elles que não têm uma cama, em que ha hordas lividas de mendigos que estoiram de fome e milionarios *blasés* que se suicidam por *spleen*, só assim essas enormes babilonias industriaes não serão um dia arrasadas e pulverisadas pela colera humana, que, é muitas vezes a representação violenta da justiça divina.

E' possível, mas os tempos por emquanto correm tristes. E o philosopho que n'este fim de seculo applicar o ouvido prescurador ao borbórinho das sociedades modernas, ao movimento continuo da vida humana, em logar d'um côro religioso de harmonia universal, ouvirá apenas um immenso e sinistro ranger de maxillas—triturando!

GUERRA JUNQUEIRO.

## AS FESTAS DE PAQUETÁ

A uma hora de distancia do Rio de Janeiro, quasi em meio da bahia de Guanabara, com os horisontes mais bellos que a imaginação póde sonhar, ergue-se a pittoresca ilha de Paquetá, tão decantada, já, nas chronicas e nos romances, d'estes ultimos 30 annos.

Paquetá é o que se póde chamar um ninho de verdura, erguendo-se em meio da vastidão da nossa bahia; é formada por seis ou sete outeiros, cobertos de vegetação luxuriante, aonde predominam as mangueiras e os coqueiros e rodeada de praias de fina areia.

Bastante povoada, apresenta ao espectador o contraste, de muita vegetação e de muitas casas, em mixto encantador, como os quadros que os artistas imaginam.

Tem uns 1500 habitantes, e varias industrias, entre as quaes, como principal, citaremos a da fabricação da cal.

Paquetá, todavia, apesar de ser um dos mimos com que a natureza nos dotou, como que vivia adormecida, em meio dos seus encantos.

As comunicações não eram faceis, visto achar-se a 3 leguas do Rio, e apesar de ter serviço a vapor, este, nem sempre satisfazia.

Ha tempos, porém, levado por conselhos dos medicos, estabeleceu residencia na ilha o Sr. Lage, presidente da Companhia Ferry, e tendo-se dado bem, começou a abrir-se para a ilha uma nova era.

O Sr. Lage, estabeleceu um serviço regular de barcas, sahindo de Paquetá de manhã e regressando ás 4 horas da tarde.

O serviço foi, sucessivamente, melho-

rando, de modo que muitas pessoas importantes da côrte, ali se domiciliaram com suas familias.

Melhoramento traz melhoramento e assim, offerecendo Paquetá bôas condições o Sr. Lage dicitu construir ali uma bôa e elegante ponte para as barcas.

A inauguração d'este melhoramento teve lugar domingo, ultimo.

Deve-se ao Sr. Lage um bom caes, a elegante estação e o serviço regular das barcas.

Mais ainda: para comodidade dos moradores, ha uma lancha a vapor, que vem para a cidade de tarde e regressa pela manhã, levando todos os generos, que os moradores desejem.

Por nos parecer interessante, publicamos adiante um specimen, do jornalzinho redigido pelos principes, e que não poucas pessoas tem mostrado desejos de conhecer. A reproducção que fazemos é muito

Esta barquinha foi alcunhada pelos moradores com o seguinte pittoresco nome: *O Bife*.

Na verdade, a ella se deve o comparecimento nos almoços, d'essa iguaria que n'outros tempos era um mytho, pois a carne fresca só se dignava comparecer na ilha, pelas 5 horas da tarde. Para um almoço, hão de concordar que é um pouco tarde...

D'ahi a revolução, grata aos estomagos que essa barquinha veio fazer com o seu gracioso nome de *bife*.

Ah! nunca teremos bastantes palmas e bastantes batatas, para lhe adicionar!

Gratos a todos esses melhoramentos os

exacta, e, apenas um terço menor do que o formato do *sympathico* e modesto collega.

Dando-lhe affectuosa hospedagem em nossas columnas, rendemos preito *sympathico* ás idéias que advoga.

ANNO II

PETROPOLIS — 1 de Fevereiro de 1888

N. 8

CORREIO



IMPERIAL

### A EMANCIPAÇÃO EM PETROPOLIS

Com o intuito de promover a libertação dos captivos d'esta cidade de Petropolis projectam-se varias festas, e é de presumir que o coração bemfazejo de quantos aqui residem temporaria ou permanentemente se não recuse á feliz realização de tão sancto empenho.

No Sabbado, 11 de Fevereiro, effectuar-se-ha no Hotel Bragança um grande baile, para o qual se conta com os dignos representantes da nossa melhor sociedade.

A 12 começarão os festejos do Carnaval por uma interessante batalha de flores á imitação das que se fazem em Nice, com esta só differença que aquillo que lá se resume em puro e graciosissimo folguedo, terminará em Petropolis por um desfile de Anjos de caridade a pedir o obolo de todos para apagar-se d'entre nós a macula da escravidão.

Estou a vêr a festa animada. Dado o signal, transitam pelas ruas apinhadas de povo as carruagens, em grande parte ornadas de flores e folhagens, a se disputarem a palma do bom gosto, e todas atonetadas de pequenos e mimosos ramalhetes, que são as armas do combate. Cruzam-se as duas filas de carros; ei-la travada a peleja, ora de uns para outros, ora com as damas e cavalheiros que estacionam ás janellas, ora com os que passeiam a pé. E' um dilúvio de flores, é uma alegria ruidosa a transpirar de todos os semblantes, é um fervilhar de dictos chistosos e delicados! Si aqui se esgottam as munições, ha sempre ao lado quem suppra artigos bellicos mediante pequena retribuição. Para a lucta, todo o reino adoravel de Flora presta concurso; o jasmim fragrante, a rosa esplendida, o lyrio elegantissimo são tão bons como o malmequer do campo ou a bô-nina selvagem.

Creio que não haverá nesta cidade quem se prive de festa tão delicada!

Para a Terça-feira seguinte, do meio dia ás 3 h. da tarde no Pavilhão Hortícola, organiza-se um baile de crianças, que ha de ser uma delicia para ellas — os Cherubias da terra, e para nós que nos revemos em nossos filhos queridos.

Seguir-se-hão em outros dias bellos concertos nos quaes teremos a ventura de ouvir Mlle. Silberberg — a pianista emerita, e os professores Arthur, Napoleão e J. White — cada qual principe acclamado n'estas justas gloriosas.

Oxalá não falte o concurso de ninguém, e possamos todos dizer em breve, cheios de desvanecimento e alegria:

Petropolis não tem escravos!

R. G.

### BATALHA DE FLORES

Esta batatha preclara,  
De flores de mil matizes,  
Grandes venturas prepara  
A' sorte dos iufelizes.

Com ardor é pelejada  
Por uma fila de bravos,  
Sob os auspicios da Fada  
Que se condoe dos escravos

Esta batalha de flores!  
E' tambem da Liberdade.  
Aos piedosos luctadores  
Abençoa a Divindade!

F. D.

moradores da ilha organisaram, domingo ultimo, uma grande festa em honra do Sr. Lage.

Todos se alliaram a ella, de coração.

Assim, pois, durante esse dia a ilha esteve em festa, ao som dos foguetes e das bandas de musica e a residencia do Sr. Lage tornou-se o centro de todo esse movimento, entusiastico e arrebatador.

Muitas saudações foram dirigidas ao Sr. Lage, assim como valiosos presentes.

Bem merecidos!

Por um acaso feliz, n'esse dia tambem, o Sr. conselheiro Mitta Machado baptisava uma filhinha, sendo padrinho o Sr. conselheiro Dantas, que, em companhia de varios amigos, entre os quaes os Drs. José Mariano, Hygino, José Maria e outros, dirigiram-se á ilha, tomando parte nas festivas demonstrações do dia.

O Sr. conselheiro Dantas teve bonita recepção, sendo saudado, logo ao desembarcar, por numerosa multidão, entre a qual via-se muitas senhoras.

Todo o dia foi de festas e de regosijo, tendo o Sr. conselheiro Mitta Machado alcauçado á liberdade, de uma escravizada, que servia de ama á sua filhinha.

Este facto foi como que a scintilla abolicionista, que conquistou todos os corações, n'um momento de jubilo!

Pensou-se logo na libertação da ilha, que conta uns 200 ou 300 escravizados, e, então, verdadeiramente, Paquetá acordou do seu somno!

Um movimento febril, um delirio, se apoderou dos habitantes. Comissões foram organisadas para se dirigirem ás pessoas influentes, sem distincção de partidos e ha já 2 ou 3 dias que os jornaes publicam as listas de adhesões.

Paquetá pôde-se considerar expurgado da lepra da escravidão, projectando-se grandes festas, para commemorar tão festivo acontecimento.

Pela nossa parte, só temos applausos para os iniciadores d'esse movimento esplendido, que levando o progresso a um dos mais bellos arrabaldes da côrte, limpa, ao mesmo tempo, esse *bijou* da natureza da feia mancha da escravidão, que lhe conspuçava o seio.

Honra aos promotores d'esses progressos e d'essas festas civilisadores, d'onde nace, como fructos naturaes, a liberdade para os infelizes escravos e o entusiasmo para as conquistas do progresso.

E, viva Paquetá—livre!

Eugenio Pinto

## O Carnaval

Se o esplendor dos bailes, que antecedem o carnaval, pôde servir de indicio seguro para se calcular o que tem de acontecer nas vesperas de quarta-feira de cinza, então, não ha que ver!—pôde-se afirmar que o carnaval será, este anno, uma coisa estupenda!

Sabbado ultimo, quem, de noite, passasse pelas sédes das principaes, sociedades não poderia deixar de deter-se, para contemplar um espectáculo feerico.

As luzes, os festões, os adornos, a musica, o borbrihuo confuso de mil vozes, os risos argentinos e o rumor da alegria, tudo isso se combinava, para dar ao burguez a tentação de entrar e de gozar, ao menos uma vez na vida, esses reaes e vibrantes Paraisos—de Mahomet.

Mas, á porta, havia suas duvidas.... E só os felizes, que tinham esses lindos cartões de convite, em luxuosos chromos, podiam-se entregar a essa phantasia seductora.

Apesar d'isso os salões estavam apinhados, as danças succediam-se, com vertigem e as *houris* passavam, doudejando, nos vãos da walsa.

Descrever o que foram os bailes dos *Tenentes*, dos *Fenianos*, dos *Democraticos* e do *Congresso dos fenianos* é tarefa seria, e que requesita a economia de adjectivos, durante um anno inteiro, para se poder dar alguma côr ao estylo.

Além d'isso, chegamos tarde, não por culpa nossa, que estamos de uma pontualidade ingleza, mas porque só hoje, 8 dias depois, quando já outras festas estão em acção, podemos tratar das de sabbado ultimo.

Depois, descrever uma diversão já descripta por provecos collegas, com todos os *fferr* seria uma petulancia da nossa parte.

Veem, que temos razão...

Occupar-nos d'ellas, antes, bem podia ser, mas, ha seus riscos!

Não! O que podemos dizer é que, aquillo vê-se, goza-se, mas não se descreve... e muito menos, 8 dias depois.

Cada qual, dê azas á imaginação e creia que ficará muito áquem de realidade. O que podemos garantir é o seguinte:

Os *Tenentes* estiveram sublimes, os *Fenianos* sublimados, os *Democraticos* em sublimidade e os *Congressistas*... sublimando-se.

Ficam esperados, para o dia em que as suas festas não coincidem com a sahida da *Revista* e o subsequente intervallo de oito dias.

E' um assumpto em que não se pôde fazer reportagem, por invenção ou de vespera.

As Directorias d'essas Sociedades, assim como ás do *Congresso Gymnastico Portuguez*, *Club dos Tucanos*, *Club do Rio Comprido*, *Club das Laranjeiras*, agradecemos os delicados convites com que nos mimosearam.

Phome 70



No Recreio Dramatico, tivemos, a semana ultima, mais uma nova comedia, intitulada *Não me embaçam*.

Bem ensaiada, bem interpretada, tendo scenas e situações de muito espirito, e um fim altamente moral,—como incitar ao bem sem cuidadas pelas consequencias,—reunia a nova comedia todos os requisitos para agradar e effectivamente, valeu aos actores bõa messe de applausos.

Guilherme da Silveira, Nunes, Rangel, Mathilde e Delorme interpretaram os seus papeis com a costumada graça e naturalidade, tornando-se dignos de um voto de louvor, que o publico não lhes regateou, mandando-lh'o sob a forma amena de bravos e palmas.

Aldicionamos os nossos.

Reappareceu, segunda feira ultima, no palco do *Recreio*, o conhecido actor Castro.

Tendo sido accomettido por uma doença grave, que o reteve algum tempo no leito, seus amigos prepararam uma bonita festa, que se realisou no dia em que retomou o seu lugar, no palco do *Recreio*.

A festa, a principio com as proporções modestas de alguns arbustos e uma banda de musica, aqueceu, de repente, tornando-se em manifestação, que muito deve ter penhorado o sympathico artista.

Ao entrar elle no palco, para recitar a scena comica—*O Lucas*, do Dr. Oscar Pederneiras, foi recebido com calorosos applausos, os quaes foram-se repetindo, no correr da peça, até que, em um dos intervallos veio á scena com Dias Braga e Guilherme da Silveira, sendo-lhe offerecidos diversos mimos, entre elles, os seguintes:

Pelos collegas, um relógio e corrente de ouro;

Pelos figurantes, uma abotoadura de de ouro;

Pelo Sr. Clemente Silva, um porta-perfumarias;

Pelo nosso companheiro, Fritz Harling, uma caneta e penna de ouro;

Pelo Sr. Alfredo Peixoto, um bonito estojo de osso, e, por outros amigos, poesias, cartões, retratos caixas de charutos etc.

Foi uma noite cheia.

Acha-se prompta uma Revista do Anno, intitulada *Notas recolhidas*, escripta pelo Sr. Lopes Cardozo e com musica do Dr. Cardozo de Menezes.

Lemos alguns trechos, que achamos engraçadissimos.

A musica é deliciosa.

A nova revista está já licenciada e deve subir á scena, brevemente.

Despediu-se de nós, mais cedo de que suppunhamos, a revista de 1887, o *Homem*.

Depois de fazer uma excursão por Niteroy, recolheu-se aos bastidões.

E', com certesa, uma negaça. Qualquer dia ella surge, de novo.

Manifesta-se certa curiosidade pelos espectaculos da nova companhia de Zarzuelas, ha pouco chegada.

Preparem-se os amadores.

BINOCULO.

Typ. de J. BARBOSA & C. r. da Ajuda 31



Desejando acompanhar esta quadra carnavalesca, D. Cotegipe deu tratos à bola, para achar o melhor meio de disfarçar-se.

Na sua qualidade de rei pensou em mascarar-se em Deus Mono - isto é - Deus Momo. O receio, porém, de ser reconhecido, fez-o abandonar esta ideia.

Afinal, gritou: Eureka! Vou disfarçar-me em abolicionista. Ninguém me reconhecerá e pode rei, assim, pregar uma boa peça aos meus adversários.



A tal peça do Sr. de Cotegipe figurará no carro de ideia do governo, representando uma fortaleza, ameaçada de ser tomada pelos abolicionistas. Nessa ocasião, a famosa peça disparará contra o inimigo e o Cotegipe triunfante, exclamará: Quero, isso devo reinar e capoeirar à vontade!